



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

REPRESENTAÇÃO FEMININA NO AUDIOVISUAL BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO FILME “LOUCAS PRA CASAR”

Ana Karolyne Florencio Amorim (1); Anderson Klismann Costa Dantas (1)
Francicléia Lopes Silva (2); Kamilla de Fátima de Medeiros Fernandes (3);

Faculdades Integradas de Patos – karollyne_amoriim@hotmail.com

RESUMO: O cinema, além de objeto estético, é uma prática social que pode mostrar como nossa cultura é significada. Para tal, utiliza-se de representações, que criam ou recriam aspectos e personagens de nossa realidade social. Sendo a mulher um destes personagens representados, este artigo detém-se a analisar como esta vem sendo mostrada no audiovisual brasileiro a partir do filme *Loucas pra Casar* (2015), exibido nos cinemas brasileiros. Foi utilizada como método, para tal, a Análise de Discurso (AD). Percebeu-se que o filme apresenta a mulher em conflito diante das expectativas e papéis em torno do gênero feminino, e embora mostre uma “mulher moderna”, ainda recorre a discursos anacrônicos sobre os papéis de gênero.

Palavras-chaves: cinema, representação feminina, papéis de gênero.

INTRODUÇÃO

O cinema, além de ser um objeto estético, é uma prática social, na qual podemos identificar evidências de como nossa cultura é significada (TURNER, 1993). Para tal, o cinema utiliza-se de representações. Para Codato (2010), representar pode ser o ato de criar ou recriar um determinado objeto, dando-lhe uma nova significação, um outro sentido. Para o autor, o cinema ocupa um importante papel na organização e na construção de uma determinada realidade social. Os filmes reproduzem essa realidade, representando-a através de seus discursos, quanto a modificam, reconstruindo-a por meio de uma interferência direta em seu funcionamento. Portanto, não apenas assistimos a um filme: podemos internalizar o seu discurso, reproduzindo o que nos foi mostrado, ou questionar tal discurso. Entende-se que é necessário observar o discurso vigente nestes meios, já que estes exercem influência sobre nós. De acordo com Foucault (1998) é importante notar sob que forma os discursos de poder conseguem chegar às mais tênues e individuais condutas. Para Foucault (1979 apud NOGUEIRA, 2008) o poder é um efeito do discurso. “Definir o mundo ou uma pessoa de determinada maneira, poder-se comportar face a ela de determinada forma, é exercer poder.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Porque se define ou representa algo de uma maneira particular produz-se um “saber” particular que traz consigo poder.” (NOGUEIRA, 2008, p. 237). Desta forma, os discursos agem para produzir sujeitos.

Como representante da realidade social, o cinema também representa determinados personagens, como a mulher. Para Pina e Ferreira (2014):

A forma como as mulheres são representadas na produção cinematográfica na maioria das vezes reproduz a maneira como são vistas e percebidas pelo consumidor/espectador regular dessas produções. Por conseguinte, qualquer mudança na representação da mulher na sociedade, ou seja, na forma como se deve ver e pensar sobre o lugar a ser ocupado por ela, certamente só será apresentada nos filmes quando ela se inserir na sociedade o bastante para disputar posição com os pressupostos já socialmente legitimados (p. 2).

Partindo da percepção do poder que o cinema tem de reproduzir realidades e que essas reproduções mexem com nosso imaginário, ao ponto de modificar nossas relações sociais, este artigo deteve-se a analisar como a mulher vem sendo representada atualmente no cinema brasileiro, propondo-se a descrever e propor uma reflexão sobre o filme Loucas pra Casar (2015), que de modo geral, aborda os papéis e expectativas sobre a mulher.

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como pesquisa documental de abordagem qualitativa. Ela pode se configurar por materiais escritos, estatísticas e os elementos iconográficos, que correspondem à imagens, fotografias e filmes (GODOY, 1995).

O filme foi escolhido a partir de seu alcance ao público. Preferiu-se analisar um filme que pudesse ser assistido por grande quantidade de telespectadores, ou seja, que estivesse em cartaz nos cinemas, pois se acredita que dessa forma, quanto mais pessoas recebam a mensagem passada pelo filme, mais reflexo isso terá em suas relações sociais.

O filme foi analisado a partir da análise do discurso (AD), que vem a mostrar como o sujeito inscreve significados amparados na historicidade



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

(ROMÃO & SILVA, 2011). A AD pode referir-se a textos visuais, tais como a televisão, o cinema (NOGUEIRA, 2008).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O filme *Loucas para Casar* (2015) é dirigido por Roberto Santucci e tem roteiro de Marcelo Saback, pertencente ao gênero comédia romântica.

Inicialmente, o filme mostra uma mulher que realmente é “louca pra casar”. A personagem principal, Malu, que é também a narradora da estória, afirma que é uma mulher independente e sucedida, entretanto sua vida não está completa porque não “arranjou um homem”. Isso é expresso na fala: “Sou sexualmente resolvida, alto astral, sociável, excelente profissional, focada, trabalhadora, decidida e competitiva, sim. Foi assim que eu consegui tudo que eu almejei na vida. Só faltava uma coisinha: um marido”.

Tal fala denota que a mulher pode ser tudo o que se espera, mas necessita de um marido para se sentir completa. Ela remete o fato de ter se tornado uma mulher bem sucedida devido às decepções amorosas que teve. Logo, percebe-se que “relações amorosas” é um tema central da vida de Malu. Esta tem um namorado que aparenta ser o “cara perfeito” pra casar, então Malu espera ansiosamente um pedido de casamento. Como isso não acontece, ela desconfia que ele pode estar traindo. Contrata um detetive particular e descobre que seu namorado tem duas amantes. É interessante o seguimento da trama a partir daqui, pois se percebe que as amantes são os opostos da representação da mulher: uma é santa e a outra é a leviana. Esta última, a personagem descreve como “Mulher só para se divertir” ou “vagabunda, puta, piranha”. No meio disso está Malu, “mulher perfeita” que não mede esforços pra ser “tudo que um homem quer”. Então, começa uma disputa entre as três pelo homem. Ao redor da trama Malu se mostra confusa: uma hora quer abdicar de ser a mulher perfeita para conseguir um casamento, questionando sua submissão à esse querer, como demonstrado na fala: “Eu não preciso disso. Eu não mereço. Eu sou uma mulher de valor. Por melhor partido que ele seja, não me merece (...). Eu não vou me submeter a caprichos de homem babaca, machista.”

Entretanto não se pode dissociar o sentido dessas falas com o seguimento da trama. Após essa fala, Malu aparece assistindo um filme romântico e se comovendo com uma cena, o que demonstra que o desejo de casar persiste.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

O fim da trama surpreende ao mostrar que Malu é as duas rivais. É no sentido de ser “santa” e “puta”. Malu é santa e puta e no fim sabemos que até seu nome é composto: Maria Lúcia. Malu é a junção da santa e da puta. As duas personagens foram criações suas, como também o seu namorado perfeito, para fugir da realidade. Neste momento subtende-se o mal estar da personagem ao ter que corresponder às próprias expectativas: casar, ser a mulher ideal. Isso é expresso na fala: “Eu quis tanto casar, que acabei me desdobrando em várias, para agradar, de repente, ser a mulher perfeita.” Então, o filme surpreende de novo: quando se pensa que Malu se libertou dessas cobranças, deixando seu parceiro e abandonando o altar, termina encontrando-o e casa com ele.

Pode-se afirmar, de acordo com a trama que os temas mais visíveis no filme em relação à representação feminina são: casamento, preocupação com os modos de ser que terminam se categorizando em ser a mulher ideal, ser a mulher santa ou ser a mulher que expressa sua sexualidade, a puta. De modo geral, a preocupação com as expectativas e os papéis de gênero que devem ser seguidos.

A Malu expressa uma imensa preocupação em torno do casamento. Embora seja mostrado que ela pode escolher, essa visão denota a preocupação que as moças tinham antigamente em arranjar um bom casamento (PRIORE & BASSAZENI, 2009). O que se pensa a partir disso é o seguinte: mesmo que atualmente exista um discurso de que as mulheres são mais livres para escolher, ainda persiste uma cultura que delegue a mulher os papéis de gênero: casar, ter filhos. Isso pode ser explicado pelo fato de esses valores estarem arraigados e que embora aparentem terem sido mudados ainda se expressam de forma velada. Entretanto, junto à expectativa que a mulher case, espera-se que ela seja múltipla: “profissional competente, culta, inteligente, boa dona de casa, mãe zelosa, sem deixar de cuidar da aparência e investir na saúde” (ROCHA-COUTINHO, 2004). Isso se expressa na personagem que sabe que é bem sucedida e esforça-se para ser o modelo ideal de mulher que corresponde à essas múltiplas facetas que a mulher deve ter hoje. É perceptível no filme que isso traz sofrimento psíquico à protagonista levando-a a buscar a fuga dessa realidade que é expressa na criação de personagens que são ela mesma, mas que ela procura dissociar de si. Nota-se que essa dissociação corresponde às categorias que sempre viemos atribuindo às mulheres: umas servem para casar, outras não, umas são santas, outras são levianas, “prostitutas”, categorias essas criadas e enfatizadas em determinados períodos, como nos anos 50 (PRIORE & BASSAZENI, 2009), demonstrando a dicotomia em torno dos modos de ser da mulher. Entretanto, o



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

filme traz uma “terceira mulher” a que é a junção disso tudo, a mulher múltipla, que está presente no filme por causa das mudanças culturais ocorridas acerca das expectativas sobre a mulher.

CONCLUSÃO

A película mostra a mulher moderna, mas ainda demonstra certos valores culturais de antigamente de forma velada, pois quando se espera que a protagonista se resolva consigo mesma e não dê mais tanta importância ao casamento, ela ainda termina se casando, o que demonstra uma prisão ao “destino natural” da mulher.

Também é importante atentar-se que é um filme que pretende mostrar e falar sobre a mulher, mas que tem um roteiro escrito por homens. Não seria melhor a própria mulher falar de si mesma?

Portanto, o filme representa uma mulher moderna que ainda é guiada por valores antigos. Não existe uma ruptura. Isso se deve ao fato de que é muito raro a mídia voltada para o grande público transgredir sobre algo, já que geralmente se volta para posições majoritárias, que são muitas vezes conversadoras. Logo, os produtos feitos para atingir um grande número de espectadores refletem as posições mais tradicionalmente estabelecidas (PINA & FERREIRA, 2014). Destarte, mesmo quando se tenta mostrar a realidade atual da mulher, tropeça-se em valores antigos que são mostrados de maneira sutil. Isso pode contribuir para reiterar o discurso dominante do passado que enfatiza os papéis de gênero e não dá autonomia para que a mulher seja realmente livre para escolher seu caminho.

REFERÊNCIAS

CODATO, H. *Cinema e representações sociais: alguns diálogos possíveis*. Verso e Reverso. 2010. jan-abr; XXIX(55):47-56.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal; 1988.

GODOY, A. S. *Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais*. Revista de Administração de Empresas São Paulo. 1995; mai-jun. 35(3): 20-29.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

NOGUEIRA, C. *Análise(s) do Discurso: Diferentes Concepções na Prática de Pesquisa em Psicologia Social*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2008; 24(2):235-242.

PINA, N. R. S., FERREIRA, M. L. A. *Mulher e cinema no Brasil: representação social feminina no cinema (década de 30 versus a década de 70)*. *Anais do V Seminário Nacional Sociologia & Política*. 2014. 1-12.

PRIORE, D. M., BASSAZENI, C. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto; 2006.

ROCHA-COUTINHO, M. L. *Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil*. *Temas em Psicologia da SBP*. 2004; 12(1): 2– 17.

SILVA, J. R. B., ROMÃO, L. M. S. *Discurso e(m) imagem sobre o feminino: o sujeito nas telas*. *Estudos Linguísticos*. 2011; set-dez. 40 (3): 1362-1375.

TURNER, G. *O cinema como prática social*. São Paulo: Summus Editorial; 1993.